



ELEIÇÃO
PRESIDENTE

OCTÁVIO COSTA

JORNALISTA

O eleitor não é bobo

O deputado Aloizio Mercadante, candidato ao Senado pelo PT de São Paulo, cutucou a opinião pública com vara curta e se deu mal. Interessado talvez em comprovar teses preconcebidas, fez a seguinte pergunta às pessoas que visitam seu site na internet: "O próximo governo deve manter Armínio Fraga na presidência do Banco Central?" Certamente, esperava da militância petista um rotundo não a tudo que se refere ao atual governo. Deparou-se, porém, com resultado surpreendente. Apenas 21,1% responderam não, enquanto a ampla maioria de 70,5% disse sim à permanência de Armínio à frente do BC, sem falar nos 8,4% que optaram por um período de transição.

Que lição o principal assessor de Lula para assuntos econômicos terá tirado da expressiva resposta? Terá concluído que a militância petista é favorável à independência do BC? Não creio. Não era esse o objetivo da pergunta. O que fica claro – para Mercadante e para a classe política em geral – é o reconhecimento dos méritos do economista que hoje preside o BC. Os eleitores não são especialistas em economia, mas sabem distinguir os bons dos maus homens públicos. Armínio Fraga pertence ao primeiro time.

Já é tempo de os candidatos medirem as palavras quando atacam Fraga e o ministro da Fazenda, Pedro Malan. Acusá-los de se dobrar ao FMI e aos interesses dos banqueiros é grossa bobagem. Conversa de botequim. Fraga abandonou emprego bilionário (em dólares) para assumir o comando do BC no auge de gravíssima crise que ameaçava a integridade do real. Despediu-se de seu famoso empregador, o megaespeculador George Soros, voltou ao Brasil de mala e cuia e conseguiu debelar os efeitos do ataque cambial. Os

É bom medir as palavras ao atacar Fraga e Malan críticos diziam que Fraga à frente do BC era o mesmo que entregar à raposa a guarda do galinheiro. Raposa em finanças Fraga de fato é, mas a farta experiência do outro lado da mesa lhe permitiu cuidar da moeda nacional com rara competência.

O eleitor não é bobo. Da mesma forma que aprova o desempenho de Fraga, acabará por reconhecer a dedicação de Malan à causa pública. Se prevalecesse a vontade de sua mulher, Catarina, Malan já teria abandonado Brasília e o Ministério da Fazenda há muito tempo. Voltaria a viver no Rio e brindaria sua família com um belo salário na iniciativa privada. O ministro preferiu levar a missão até o fim. Pedro Malan é acima de tudo um servidor público. Funcionário de carreira do Ipea, ajudou o Brasil a negociar a dívida externa no início dos anos 90, assumiu o posto máximo do BC no governo Itamar Franco e é ministro da Fazenda desde 1994. Pode-se discordar de Malan, mas não há como negar sua abnegação.

Não tenho procuração de Armínio e Malan. Saio em sua defesa porque me espanta a perda de rumo da campanha eleitoral. O interesse nacional não tem dono. Nada autoriza também comparações entre os governos democráticos e o regime militar. São absurdas e descabidas. Lula está enganado. O planejamento econômico ao tempo do arbítrio e da tortura foi um fiasco, a máscara caiu com a crise do petróleo de 1974. Já Brizola deve estar brincando quando afirma que chega a pensar "que Sarney e Fernando Henrique foram piores do que os militares". A frase não vale sequer como *boutade*. O debate assim só confunde.

Octávio Costa (octaviob@jb.com.br)
escreve nesta página às quartas-feiras